

AGB EM DEBATE

INFORMATIVO DE COMUNICAÇÃO DA AGB

ABRIL / 2020



EDITORIAL:

AGB em Debate é uma das ferramentas de comunicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros com as Seções Locais e seus associados, além de também dialogar com a Geografia brasileira, a comunidade e a sociedade. Elaborado pela Diretoria Executiva Nacional (DEN), por meio do Coletivo de Comunicação.

O objetivo deste informativo é apresentar e informar às atividades, articulações, experiências, discussões e estudos que estão sendo desenvolvidas pelas Seções Locais e seus respectivos Grupos de Trabalho, como forma de dar visibilidade às ações realizadas e comunica-las ao conjunto das pessoas associadas e não-associadas à AGB em todo o país.

Como tema dessa edição do AGB em Debate teremos uma explicação sobre os siglas e termos que compõem a entidade que completará em 2020 86 anos de (re) existência, lutas e conquistas, além dos relatos das Seções Locais e dos Grupos de Trabalho sobre os campos de atuação de lutas e/ ou em movimentos sociais. Participaram desta edição: o GT de Urbana da Seção Local BH, a Seção Local ABC, a Seção Local Xingu-Araguaia e o GT de Agrária do Rio e de Niterói que corre em conjunto das Seções Locais Rio e Niterói.

Como informe nessa edição temos o adiamento do XX Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) que ocorreria em 13 a 17 de Julho de 2021 para Julho de 2021 em que a data será divulgada posteriormente devido a conjuntura da Pandemia do Covid-19.

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:



DECIFRANDO A AGB: PALAVRAS E SIGLAS USADAS PELA ENTIDADE*

Texto elaborado por membros da AGB

AGB - ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS

Fundada em 17 de setembro de 1934, por iniciativa do professor francês Pierre Deffontaines, juntamente com os professores Rubens Borba de Moraes, Caio Prado Júnior, Luís Flores de Moraes Rego. Este é o início do primeiro curso de história e geografia na recém-instalada Universidade de São Paulo, que será também a sede da entidade. AGB está integrada à história da Geografia e do pensamento geográfico brasileiro, não havendo sentido em falar do pensamento geográfico sem citá-la. A AGB é a nossa associação, nela, estudantes de graduação, de pós-graduação, professoras(es) de todos os níveis, profissionais de todos os campos em que a(o) geógrafa(o) possa ter intervenção são ASSOCIADAS(ÓS) com os mesmos direitos e compromissos.

DEN - DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL

A Diretoria Executiva Nacional é a diretoria da associação que é composta pelos membros indicados por cada seção local. A DEN tem o papel de representar os interesses das geógrafas e geógrafos executando as demandas da Associação nacionalmente. A DEN é responsável legal da AGB Nacional, seus integrantes respondem juridicamente pela entidade. A cada dois anos é eleita nova diretoria, tal pleito ocorre durante a plenária eleitoral do Encontro Nacional dos Geógrafos. A atual diretoria foi eleita em setembro de 2019.

RGC - REUNIÃO DE GESTÃO COLETIVA

São as reuniões da AGB, onde sua gestão é pensada, planejada e as atividades e ações são coletivamente distribuídas pelos participantes. A participação é aberta a todas as associadas(os), com direito de voz e voto para o delegado representante de cada seção local. As delegadas e delegados são escolhidas por cada seção local em suas assembleias.

SL - SEÇÃO LOCAL

A AGB é a única entidade que se organiza por uma base municipal, e essa base são as SLs (Seções Locais). É através da atuação das SLs em suas diferentes localidades que a da AGB apresenta um caráter Nacional para as suas intervenções. Você pode conhecer as Seções Locais ativas acessando o site: <https://www.agb.org.br/agb/#locais>

INTERSEÇÕES

O AGB Interseções é uma lista (e-mail) de discussões da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), para comunicação entre Diretoria Executiva Nacional (DEN), as Seções Locais e os sócias e sócios da AGB. Todos os inscritos e inscritas podem enviar mensagens, que serão remetidos a todos os inscritos e inscritas na lista.

ASSOCIADA(O)

Este é o membro associado a AGB. A associação à entidade pode ser feita em qualquer momento e é válida até o final do ano vigente. Durante o período em que se está associado, este comprovante (talonário) vale em todo o território nacional.

TL - TERRA LIVRE

A Terra Livre destina-se a publicação de contribuições de temas relacionados à Geografia. Desde a publicação do número 01 (1986) da Terra Livre até o número 51 (2018), as edições foram temáticas, sendo reflexo dos debates da sociedade nos determinados momentos históricos. A partir de 2019 a Terra Livre opera a partir de chamadas livres e chamadas com temas dos encontros nacionais organizados pela AGB.

<https://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/>

ENG - ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFAS(OS)

O Encontro Nacional de Geógrafas(os) é o maior evento itinerante que a AGB organiza a cada biênio. Neste espaço as geógrafas e geógrafos se reúnem para debater e discutir questões gerais, coletivas e específicas a cada grupo de interesse, pela construção da ciência geográfica e pela construção de uma AGB mais forte e atuante entre seus associados e na sociedade de forma geral.

CBG - CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

O Congresso Brasileiro de Geógrafos – CBG – realiza-se a cada dez anos desde 1954, reunindo geógrafas(os) (estudantes de graduação e pós-graduação, professoras(es) da educação básica e do ensino superior, pesquisadoras(es), técnicas(os) e todas(os) aquelas(es) que pensam e agem no mundo a partir da Geografia.

*Informações inspiradas nas seguintes fontes: *site* do ENG2020; *site* da AGB; Leandro Martins “Fino” - A geografia das Siglas ou as Siglas da Geografia?

PALAVRAS E SIGLAS DO ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFAS(OS) – ENG

EDP - ESPAÇO DE DIÁLOGOS E PRÁTICAS

Os Espaços de Diálogos e Práticas (EDPs), são os espaços destinados para a apresentação de trabalho. Os EDPs são pensados de forma inclusiva e horizontal, para que todos e todas possam debater e produzir a ciência geográfica coletivamente.

GT - GRUPOS DE TRABALHO

Os Grupos de Trabalho (GTs) do Encontro Nacional de Geógrafas(os) constituem um momento em que os GTs atualmente existentes nas Seções Locais da AGB apresentam aos encontristas os debates que vêm realizando e convocam a comunidade geográfica a contribuir com a discussão dessas problemáticas e participar das ações. Os GTs são um espaço essencial de trocas e construção de intervenções na sociedade entre os GTs, as Seções Locais da AGB e a comunidade geográfica, tanto na escala local quanto na regional ou nacional.

TRABALHOS DE CAMPO

Os TCs são os trabalhos de campo que ocorrem durante os eventos promovidos pela AGB. Estas são práticas históricas da Geografia, fazendo parte de um conjunto de técnicas, saberes e (re)existências que estão em constante processo de transformação, sendo uma das mais importantes ferramentas de análise das geógrafas e dos geógrafos. Tem-se adotado o trabalho de campo como uma instância do fazer geográfico para a compreensão das dinâmicas e processos existentes no espaço.

EIXOS TEMÁTICOS

Os eixos temáticos direcionam as discussões que serão realizadas durante o ENG. O seu objetivo é orientar as atividades do próprio encontro, como as mesas redondas, ESC, Oficinas e Minicursos, Geo na Rua e Trabalhos de Campo. É importante frisar que os eixos temáticos se tratam de questões-problema sobre a realidade e não enquanto áreas da Geografia.

ESC - ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO DE COLETIVOS

Esta atividade abre espaço para que coletivos possam socializar as discussões e as práticas com os participantes do evento. Entende-se por “coletivos” grupos de pessoas que se articulam em torno de um tema ou prática em comum, portanto, não necessariamente devem estar institucionalizados por algum órgão de fomento à pesquisa, ou similar. Esse espaço estará aberto a grupos de pesquisa, movimentos sociais e demais coletivos que queiram socializar os seus achados, pautas de luta, sonhos e reivindicações sejam elas de caráter ambiental, cultural e/ou político. A ideia é que grupos acadêmicos e não acadêmicos possam desenvolver as suas discussões e que estas sejam acessíveis também ao amplo público de encontristas. Embora seja livre o envio de propostas por quaisquer coletivos, é importante que os proponentes façam uma leitura prévia do tema geral e dos eixos do encontro, visando proporcionar uma maior organicidade entre as propostas de atividades, o ENG e a realidade local do encontro.

ENSINAR E FAZER GEOGRAFIA

Cecilia Cardoso Teixeira de Almeida seção local ABC

A recente seção local ABC ofereceu em 2019 minicursos cujos temas emergiram das demandas enfrentadas pelos geógrafos no campo de formação de professores ou no bacharelado e pesquisa.

Assim nasceram motes que recobriram desde o que entendemos ser a prática profissional da geografia, seus pressupostos teóricos e impasses, assim como discussões sobre as determinações do urbano.

Os dois primeiros temas realizados em 2019 foram “A necessidade de saber o que é geografia para ensinar e fazer geografia. Geografia, ensino e pesquisa – proposições” e “Formação territorial do Brasil e os marcos regulatórios de acesso à terra”.

Nesse primeiro, discutimos os fundamentos teóricos e metodológicos da geografia contemporânea em suas ligações com o positivismo lógico presente na ciência moderna, dos quais as dicotomias e entraves mais recorrentes dentro desse campo como: a relação entre sociedade e natureza, o objeto da geografia e a sua alçada, teoria regional ou geral e etc. Disso derivaram depoimentos sobre as formas de lidar com assuntos diversos, que distribuídos pelo ensino seriado fragmentam ainda mais o estudo de geografia. Para ilustrar essa afirmação, os assuntos presentes na escola no ensino fundamental e médio vão desde as dinâmicas da natureza até a geopolítica dos conflitos no Oriente Médio, o que para a maior parte dos professores (e alunos) torna a prática profissional penosa e desconectada. Mas, não parou por aí.

Em verdade os profissionais presentes também demonstraram que essas adversidades de caráter teórico repercutem, por suposto, em suas práticas de pesquisa pelas mesmas razões supra citadas, ou seja, pelo desenvolvimento da ciência geográfica contemporânea.

Assim sendo, como dar sentido a esses conteúdos ou antes como amarrá-los sem cair nas dicotomias referidas? Donde, adveio, por parte de uma participante, a sugestão da formação de um grupo de estudos para dar encaminhamentos a essas e outras discussões, antes que possam dissipar na rotina corrida e atropelada do professor e/ou bacharel, tanto na rede pública quanto na privada.

Em um segundo momento, se deu a análise do processo de formação do território brasileiro, onde pudemos experimentar uma abordagem em que foram reelaboradas as interdependências entre fatos e fenômenos de características diversas, para dar contornos a essa totalidade chamada Brasil. Dito de outra forma, atravessamos a composição geográfica do território brasileiro, tomando-o como expressão e objetivação da sua própria história. Nesse sentido, o esforço do primeiro mini curso deu suporte ao tema do segundo, fechando as atividades do ano de 2019.

Link do Texto na Integra: <https://www.agb-abc.com.br/ensinar-e-fazer-geografia/>



Folder divulgação minicurso, 2019



Minicurso: ensinar e fazer Geografia, 2019

BREVE RELATO DA ATIVIDADE DE CAMPO: “DUAS FAVELAS, UMA CAMINHADA”

GT Urbana- AGB BH

Aos 30 de novembro de 2019, realizamos uma atividade de campo em Belo Horizonte cujo caráter era ilustrar sob o prisma da observação in loco, as questões que são intrínsecas à produção do espaço, tentando vislumbrar a questão agrária, enquanto centralidade (princípio central da acumulação), uma vez que a periferia existe porque os trabalhadores rurais foram expropriados (física e culturalmente), espoliados e forçados a vender sua força de trabalho na (re)produção do urbano.

A caminhada começou na Vila Estrela, favela que pertence ao Aglomerado Santa Lúcia (Morro do Papagaio), fomos recebidos no Muquifu (Museu dos quilombos e favelas urbanos). Um lugar de história e resistência que conta sobre a luta pela sobrevivência cultural das raízes quilombolas, ali muito bem representado pelo Congado. Entre representações culturais/religiosas e muitas cores (projeto Favela Bela), a falsa contradição campo/cidade vai adensando outros contornos no nosso pensamento....

Caminhamos pelo Aglomerado até desembocar na Avenida Senhora do Carmo (BR-356) no bairro Sion.

Sabe-se que há projetos impulsionados pela especulação imobiliária, mascarados por políticas públicas (Vila Viva), que permitem a expropriação de muitas moradias, ditas irregulares, para construir uma via de acesso que liga a Barragem Santa Lúcia à BR 356 (Av. Senhora do Carmo), bem como a implantação de um parque ecológico (Parque do Bicão) e moradias populares.

Não descolada dessa suposta realidade está a segunda favela contemplada nesta caminhada: a Vila Acaba Mundo.

Descendo o Morro do Papagaio sentido BR356, atravessamos um pedaço do bairro Sion para acessar a Vila Acaba Mundo (que está entre 3 bairros nobres da região centro sul de BH: Sion, Mangabeiras e Belvedere). Trata-se de uma pequena favela incrustada na Serra do Curral, situada na área de influência da mineração. Ligeiramente acima está a Lagoa Seca (planta de mineração esgotada). O lugar também resiste à especulação imobiliária cujo projeto é de viabilizar a construção de enclaves fortificados (apartamentos de luxo e shoppings).

Diversos movimentos sociais que lutam por moradia, ações comunitárias e projetos universitários já abordaram essa luta (e os direitos da classe trabalhadora só (ainda) estão resguardados por existirem tais ações...) mas até quando podemos suplantar o trator da gentrificação?

Não é de hoje que se expropria para dar outro formato ao espaço... O campo, cercado e esvaziado, expulsa os trabalhadores para periferizar e construir o espaço urbano. E quando estes estão supérfluos (quando não há mais produção de valor), para onde vão?

Os sem teto são antes de mais nada, sem terra...

De que forma "acabará o mundo" para a periferia?



AGB e lutas: fechamento do anel rodoviária em BH em protesto da ocupação Fábio Alves, 2019



Perspectiva da regional Centro-Sul do Morro do Papagaio, 2019

A GEOGRAFIA E A SUBJETIVIDADE: NOTA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DA AGB XINGU-ARAGUAIA

Coletivo de Diretoria da AGB Seção Xingu-Araguaia (2019-2020)

Esta breve comunicação tem um duplo objetivo de dialogar com a comunidade agebeana desde a nossa beira dos rios Araguaia e Xingu. Num momento em que cada vez mais as diferenças são ultrajadas por discursos supostamente situados fora do espaço, diga-se, espaços que já agora são literalmente virtuais, nosso objetivo é de situar nosso local de fala, uma região de fronteira agrícola, situada na transição entre os biomas Amazonia e Cerrado, marcada por duas estações bem definidas e agenciamentos humanos severamente precários, e ainda vivendo, de certo modo, a “psicosfera” (Milton Santos) da modernização conservadora que fez de nossa região uma das mais violentas do país, marcadas tanto por conflitos agrários, nossa marca particular (OLIVEIRA, 2008; PORTO-GONÇALVES, 2003). Tudo isto agravado pela banalização cotidiana da violência, tendo por bases discursos de in-segurança e medo, que são a marca do nosso tempo (Haesbaert, 2015). Desde sua criação, em 2016, a AGB Xingu-Araguaia tem se colocado como porta-voz dessas lutas, bem como tem buscado reunir docentes, pesquisadores e discentes com vistas a denunciar as formas como a perversidade sistêmica afeta nossa região.

Inserido no contexto ora apresentado, gostaríamos de informar sobre a importância das pessoas (ou dos sujeitos) para o processo de organização e luta social, este sujeito que apenas começa a emergir, como nos mostram Boaventura de Souza Santos (2016) e Feliz Guattari (1990). Porque são as pessoas que sentem os sentimentos e emprestam seu cotidiano à vivência da perversidade sistêmica e da alienação capitalista.

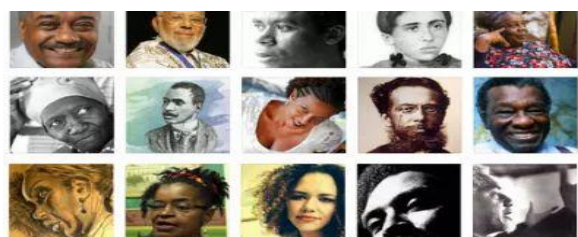
Uma vez que os geógrafos fazem parte desta mesma realidade que estudam, a AGB tornou-se uma entidade crítica e combativa, que defende abertamente a liberdade, a dignidade e o bem viver das pessoas e de seus lugares e comunidades, em nosso caso, comunidades rurais assentadas, indígenas e populações urbanas desterritorializadas e periferizadas pela incidência da estrada e dos processos de modernização econômica, quais sejam, a expansão do agronegócio e do extrativismo mineral. Com efeito, a AGB toma partido ao lado dos chamados sujeitos sociais

emergentes, porque este tem sido o desejo e compromisso de sociedade e encontra-se disposta não apenas a interpretar a realidade social por meio de sua geograficidade, mas de transformá-la.

Sendo a única ativa no estado do Pará, passa a receber um grande número de filiações de geógrafos e estudantes de Geografia de todo o estado do Pará. De um modo geral, as filiações visam ao direito legítimo dos associados em obter desconto nos eventos realizados pela AGB, donde, após reunião de diretoria, decidiu-se aceitá-las. Nosso desejo é que os estudantes de regiões tão quanto o oeste paraense do Pará e região nordeste do estado do Pará possam se organizar através de comissões num processo da maior importância não apenas para nossa seção, mas para o fortalecimento da AGB como um todo, no sentido de sua maior capilaridade territorial.

A AGB Xingu-Araguaia tem evoluído significativamente no quesito gestão, não sem enfrentar dificuldades características da área. De qualquer modo, esta evolução se deve à participação decisiva das seguintes pessoas, todos alunos da UEPA, Fernanda Sousa, Gabriela Resplandes, e Igor Silva e Jéssica Giovanna, que sob a coordenação desta última, tem respondido tanto pela emissão de certificados dos eventos por nós realizados (o AGB Recebe), quanto pela despacho das demandas referentes a filiação.

Importante ressaltar o papel das pessoas quem sustentam a AGB, na medida em que vivemos tempos em que, a todo o custo, tenta-se reduzir e diminuir a importância das pessoas a um mundo maquínico, como denunciaram Edgar Morin e Ylia Prigogine. E no entanto, mesmo a mais “dura” das ciências, a física, remete a um elemento narrativo, isto é, ao sujeito por detrás do objeto disciplinar. Esta comunicação visa saudar a todos aqueles agebenxs que, em sua diversidade de subjetividades e localizações, tem contribuído para manter nossa Associação atenta aos desafios científicos que a Geografia de nosso tempo vivencia.



AGB RECEBE...

Pensar e Ser Negro no Brasil

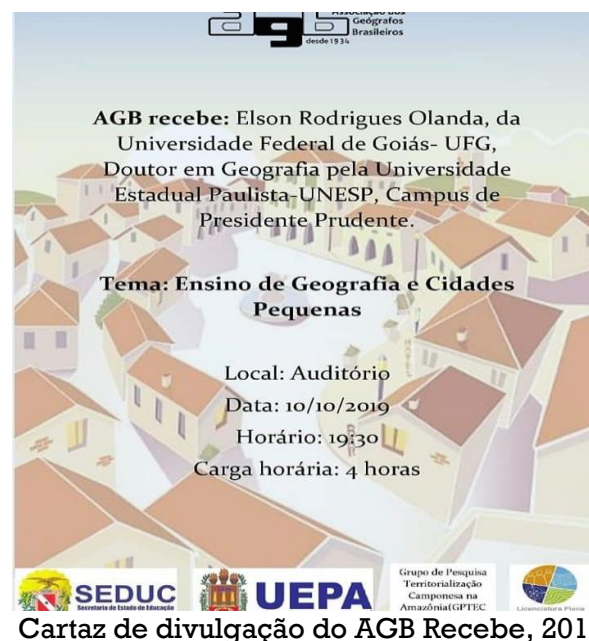
Documentário de Silvio Tendler: O mundo global visto de cá: encontro com Milton Santos; Comentários: Conceição Sodré, IFPA e Jerônimo Dantas, UAB

27 de novembro às 19 horas no auditório da UEPA Campus VII

Certificação de carga-horária: 4 horas



Cartaz de divulgação do AGB Recebe, 2019



AGB recebe: Elson Rodrigues Olanda, da Universidade Federal de Goiás- UFG, Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Presidente Prudente.

Tema: Ensino de Geografia e Cidades Pequenas

Local: Auditório
Data: 10/10/2019
Horário: 19:30
Carga horária: 4 horas

Logos: SEDUC, UEPA, Grupo de Pesquisa Territorialização Camponesa na Amazônia (GPTEC), Associação dos Geógrafos Brasileiros

Cartaz de divulgação do AGB Recebe, 2019

A TRAJETÓRIA DO GT AGRÁRIA DAS AGBS RIO E NITERÓI

GT Agrária Rio e Niterói

Com o propósito de organizar a intervenção dos geógrafos do Rio de Janeiro nos conflitos do espaço agrário, em estreita colaboração com os movimentos sociais do campo, as AGBs Rio e Niterói criaram em 2002 um Grupo de Trabalho composto por estudantes de graduação e pós-graduação e professores dos diversos níveis de ensino.

Ao longo destes quase 20 anos participamos de diversas lutas pela reforma agrária e em defesa dos trabalhadores rurais, interagindo com: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (Acquilerj), Associação Quilombola da Baía Formosa (AQBF); Articulação Nacional de Agroecologia (ANA); e Associação dos Proprietários Rurais e de Imóveis do Município de São João da Barra (Asprim).

Contribuímos com oficinas com os movimentos sociais, participação em audiências públicas na Assembleia Legislativa e Câmaras de Vereadores e com documentos técnicos que embasaram denúncias ao Ministério Público e ações judiciais.

Também procuramos levar estas discussões para a comunidade acadêmica, realizando oficinas e debates em universidades e em encontros nacionais e estaduais da AGB.

Entre 2003 e 2004, o GT dedicou-se à análise crítica do II Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) e à construção do Plano Regional. De 2005 a 2008, analisou conflitos socioambientais envolvendo assentamentos rurais. A partir de 2009, voltou-se para a análise dos impactos dos grandes projetos de desenvolvimento (GPDs) no espaço agrário fluminense.

Analisou-se os casos do Complexo Industrial e Portuário do Açú (CIPA), no Norte Fluminense; do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (Comperj), da Barragem do Rio Guapiaçu e do Arco Metropolitano, na Região Metropolitana; do Resort e Marina Aretê, na Região das Baixadas Litorâneas; e os projetos de expansão da monocultura do eucalipto em todo o estado do Rio de Janeiro.

Neste percurso o GT produziu análises críticas de políticas públicas e EIA-RIMAs, mapas (na perspectiva da cartografia social), vídeos, “textos de combate” (pequenos manuscritos de denúncia de violações sobre as populações do campo), artigos para a seção de GTs da Terra Livre e capítulos de livros.

Lançamos também dois Cadernos de Textos, o nº 1 lançado em 2006 e o nº 2 em 2012. Estamos, agora, organizando um livro sistematizando as reflexões produzidas coletivamente nestes 10 anos dedicados à crítica aos GPDs.



Caderno de textos feito pelo GT Agrária Rio-Niterói, 2012



GT Agrária Rio-Niterói - Luta contra os impactos do COMPERJ no Rio Guapiaçu, 2007